



## Estudo preliminar do queísmo e dequeísmo na fala culta de salvador

Eva Maria Nery Rocha

UFBA

### Introdução

No português falado atualmente no Brasil, observa-se uma oscilação no que concerne à regência de nomes e verbos, que leva, por exemplo, à existência das variáveis <que> e <de que> em fronteiras intersentenciais subordinadas. A variável <que>, relativizador ou complementizador, pode atualizar-se através das variantes [que] e [de que], sendo a primeira a opção do padrão lingüístico. Um comportamento semelhante, porém refletindo um fenômeno diferente, manifesta-se na língua falada através da concorrência entre [de que] e [que] para a realização da variável <de que>. Assim, de acordo com a prescrição gramatical, prevê-se a existência de [de que] e ocorre como variante não padrão [que]. No caso oposto, prevê-se a ocorrência de [que] e aparece a variante [de que]. Verifica-se, então, que o **QUE** pode vir precedido de nexos prepositivos, sendo a preposição **DE** uma das possibilidades de ocorrência. Neste caso, podem aparecer fronteiras intersentenciais ligadas com **QUE** ou **DE QUE** e, em algumas, as duas variantes se alternam, apresentando a variação. Quando há variação, observa-se a preferência de uma forma em detrimento da outra, segundo a norma padrão. Desta forma, define-se como **QUEÍSMO** a omissão da preposição **DE** diante de **QUE** gramemático (complementizador) ou lexemático (relativizador), quando a norma padrão prevê sua presença. O **DEQUEÍSMO** é a tendência oposta: antepor a preposição **DE** ao **QUE** gramemático ou lexemático, quando a norma padrão não prevê sua presença.

(01) “Existem pessoas que imaginam *de que nós vamos fazer alguma coisa* para não sair. (Homem 2, diretor de escola em reunião com professores - 05/95)

- (02) “Ele respondeu de que deixou de assinar o ponto por um problema de velhice precoce.” (Mulher 2, professora, em reunião de professores - 07/97)
- (03) “Se discuti de que havia várias formas de se fazer a recuperação paralela.” (Mulher 2, professora, em reunião de professores - 07/97)
- (04) “As pessoas percebem também de que os truques são possíveis.” (Mulher 2, professora universitária, em aula - 07/97)

Nos quatro exemplos acima, colhidos em observação assistemática no cotidiano de falantes cultos de Salvador, os verbos *imaginar, responder, discutir e perceber*, segundo a norma lingüística padrão, não prevêm complemento preposicionado, observando-se então casos de *dequeísmo*.

À tendência oposta, denomina-se *queísmo*, que ocorre quando se omite a preposição **DE** antes de **QUE** complementizador ou relativizador, como nos exemplos:

- (05) “Tenho a convicção que representa um modelo novo, dinâmico e flexível.” (Homem 2, diretor de escola, em discurso de transmissão de cargo - 05/97)
- (06) “É isso que eu gosto.” (Mulher I, DID 005/93 (ampliação NURC/SSA))

Na ocorrência (05) houve a omissão da preposição **DE**, prevista depois do nome “convicção”. Em (06) omitiu-se a preposição **DE**, prevista diante do **QUE** relativizador, ocupando posição de complemento do verbo gostar, como pode ser facilmente comprovado se o **QUE** for substituído pelo sintagma preposicional correspondente:

- (07) Eu gosto disso.

As denominações *queísmo/dequeísmo* foram dadas pela primeira vez por Rabanales (1974), pioneiro no estudo dessa variação no espanhol falado em Santiago do Chile. Seu exemplo foi seguido por outros lingüistas, como Bentivoglio (1976), (1981), que estudou a variação no espanhol falado em Caracas, Venezuela. No Brasil, a variação *queísmo/dequeísmo* foi sistematicamente estudada por Mollica (1989), (1995). Fazendo um paralelo com os resultados obtidos para o espanhol, Mollica comprovou, dentre outras coisas, que o *queísmo* e o *dequeísmo* ocorrem em todo o Brasil e que a origem sociolingüística do *dequeísmo* está no eixo diastrático e não no geográfico, constituindo-se numa variante

inovadora no português do Brasil. A autora afirma que *queísmo* e *dequeísmo* constituem as duas faces de um mesmo foco de variação, motivada por estrutura complexa de condicionamentos: “Mecanismos associativos, icônicos, psicolinguísticos, semânticos, sócio-pragmáticos e lexicais interagem conjuntamente, de modo a favorecer as variantes envolvidas”.

## A PESQUISA

A pesquisa aqui apresentada foi programada para subsidiar a Dissertação de Mestrado em andamento intitulada “Queísmo e dequeísmo na fala culta de Salvador”. Na realidade, o tema foi sugerido pela Prof<sup>a</sup> Suzana Cardoso, que orienta o estudo aqui delineado. Utilizando dados empíricos, a pesquisa pretende observar se há variação no *corpus* em análise e, se esta for encontrada, descrever os contextos linguísticos em que ela ocorre, buscando explicações linguísticas e extra linguísticas para o fenômeno, revelando, desta forma, um aspecto ainda desconhecido da língua falada culta em Salvador.

O *corpus* utilizado para a dissertação, representativo da fala culta de Salvador, é constituído por doze inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador - DID - e de doze elocuições formais - EF, integrantes do projeto NURC SALVADOR<sup>1</sup>. Serão analisados também doze inquéritos do tipo DID, gravados a partir de 1993, constituindo-se numa ampliação do *corpus* NURC/SSA. Desses inquéritos, quatro com informantes pertencentes à faixa I- 23 a 35 anos- e oito são regravações de informantes da década de setenta, hoje pertencentes à faixa II- 36-55anos- e à faixa III -56 anos em diante.

O estudo deverá seguir a linha da teoria da Variação Linguística, de William Labov (1966), também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, que entende a língua como um fato sociocultural, estabelecendo a covariação sistemática entre língua e sociedade. Qualquer fenômeno variável na língua pode ser estudado do ponto de vista social

---

<sup>1</sup> O projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) vinculado ao Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Linguística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y la Península Ibérica, proposto no II Simpósio do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas (PILEI) em

e lingüístico.

As variáveis socioculturais observadas são: gênero (masculino/feminino), faixa etária (23-35, FI; 36-55, FII; 56 em diante, FIII), situação do discurso (formal ou informal) e a época das gravações (década de 70 ou década de 90).

Quanto às variáveis lingüísticas, serão consideradas a princípio a Analogia<sup>2</sup> e a Iconicidade<sup>3</sup>.

## OS DADOS

Esta comunicação é o resultado de um exame preliminar do *queísmo/ dequeísmo* a partir de quatro inquéritos do tipo DID com dois informantes gravados em duas épocas diferentes: na década de setenta, quando foi constituído o corpus NURC Salvador, e dois na década de noventa, exatamente vinte anos depois, a que chamam “retornados”.

O segmento do *corpus* utilizado neste trabalho foi constituído pelos inquéritos de número 138 e 277, concernentes aos informantes 167 e 354, respectivamente. Trata-se de homens então faixa I, gravados

---

Bloomington, Estados Unidos, em agosto de 1964 por Juan Lope Blanch, da Universidad Nacional Autónoma de México, foi introduzido no Brasil por Nelson Rossi, coordenador geral do Projeto no Brasil em vários períodos e coordenador do Projeto em Salvador até 1985. O Projeto NURC vem-se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre e visa à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo extrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior. O *corpus* deste projeto está dividido em três categorias de texto: elocução formal - EF -, diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2) perfazendo um total de 1870 inquéritos. O *corpus* do Projeto NURC/ Salvador documenta o desempenho lingüístico de 461 informantes em 360 inquéritos, num total de 307 horas de gravação.

<sup>2</sup> O princípio da analogia pressupõe que estruturas *queístas* e *dequeístas* são empregadas motivadas por cruzamento sintático de duas estruturas morfo-semanticamente relacionadas, idéia proposta inicialmente por Rabanales (1974).

<sup>3</sup> O nexos prepositivo é postulado como elemento icônico-simbólico, com função de marcar indiretividade e atenuação de asserção, bem como o de imprimir distanciamento e/ou não comprometimento do locutor em relação ao conteúdo proposicional (Mollica, 1989).

na década de setenta, e hoje regravados, quando já pertencem à faixa II (36-55 anos).

As novas gravações foram feitas sobre os mesmos temas das primeiras, sem que os informantes o soubessem de antemão. O informante 167 teve como temas das entrevistas “O cinema. A televisão”; e o informante 354 teve como temas “Transporte. Viagens”.

Neste estudo preliminar, não se pretende explicar a razão pela qual os fenômenos mencionados ocorrem, mas apenas apresentar os resultados obtidos com a análise comparativa do *corpus*.

Analisando-se o inquérito 277 nas versões de 1977 e de 1997, foram observadas as seguintes estruturas recorrentes com **QUE/DE QUE**, que passamos a descrever.

Na versão 1977:

### 1. **QUE + oração relativa**

Foram encontradas sessenta e cinco orações relativas iniciadas com **QUE**, das quais 63 (96,92%) conforme a norma e 02 (3,08%) com *queísmo*:

(08) “... outra coisa *que eu me lembro do bonde...*” (l. 67/8)

(09) “... a primeira coisa *que eu precisei* foi um amigo ...” (l. 891)

Os verbos da oração encaixada usados com *queísmo* foram *lembrar-se* e *precisar*.

### 2. **Verbo não pronominal + que**

Houve 26 ocorrências, todas dentro da norma, com os verbos *achar*, *saber*, *acreditar*, *notar*, *parecer* e *sentir*, na oração principal - **OP**.

### 3. **Verbo pronominal + que**

Das três ocorrências encontradas, uma se deu conforme o padrão (33,33%) e duas com *queísmo* (66,67%), todas elas, porém, com o verbo *lembrar-se*:

(10) “... mas eu me lembro *que na época se chamava esse tipo de trem de motriz.*” (l 21/2)

(11) “... eu me lembro *que na estação daqui era uma confusão muito grande, gente muita...*” (67/8)

(12) “... e me lembro muito pouco, a não ser *de que pegava o trem aí na Calçada...*” (12/3)

Em (10) e (11) observa-se o *queísmo*, pois o falante omite o **DE** previsto pelo padrão lingüístico, enquanto em (12) o mesmo falante usa a preposição para ligar o complemento do verbo pronominal

*lembrar-se*, configurando-se uma instabilidade no uso da preposição.

#### 4. **Que + oração predicativa:**

Houve apenas uma ocorrência dequeísta, com o verbo *perceber* na oração principal:

(13) "... a primeira coisa que a gente percebe dentro de um avião é *de que todo comando é duplo...*" (605/6)

**Na versão 1997:**

Na gravação feita em 1997, o informante fez uso das seguintes estruturas com **QUE/DE QUE** :

##### 1. **Que + oração relativa:**

Houve trinta e uma ocorrências, todas segundo a norma, não apresentando, portanto, variação.

##### 2. **Verbo não pronominal + que**

Das onze ocorrências, oito seguem o padrão (72,73%) e três apresentam *dequeísmo* (27,27%). É curioso observar que duas ocorrências de *dequeísmo* se dão com o verbo da OP - *sentir*, que nas três outras ocorrências segue o padrão. A outra ocorrência de *dequeísmo* acontece com o verbo da OP *dizer*, que nas demais ocorrências - duas - é usado conforme o padrão geral da língua..

(14) "Você sente *de que, um piloto de um táxi aéreo pequeno é um camarada que teve preparo...*" (l. 185/6)

(15) "Mas você sente *de que tendo a torre, (16) que você tem segurança.*(l. 216/7)

(17) "Você sente *que está sendo conduzido por uma pessoa...*"(191)

(18) "... você sente *que o nível dele é diferente de um motorista de ônibus.*"(186/7)

Em (14) e (15) o verbo *sentir* aparece com complemento introduzido por **DE**, caracterizando o uso dequeísta, enquanto em (16), (17) e (18) isso não ocorre.

(19) "E eles dando entrevista, dizendo *de que... se não correr, não paga... não paga as letras...*" 945/6

(20) "... eu diria até *que, na mão de quem não tiver muita prática de estrada, ele é perigoso...*"(26/7)

(21) "Eu diria *que sim, (22) eu diria que sim.*" (l. 706)

Em (19) observa-se o *dequeísmo* com o verbo *dizer*, enquanto em (20), (21) e (23) isso não se verifica.

O quadro I resume as estruturas e ocorrências encontradas no inquérito 277, nas duas versões:

**QUADRO I**  
**INQUÉRITO 277**  
**- 1977 -**

| ESTRUTURAS           | TOTAL | SEGUNDO NORMA | %     | QUEÍSMO | %     | DEQUEÍSMO | %     |
|----------------------|-------|---------------|-------|---------|-------|-----------|-------|
| RELATIVAS            | 65    | 63            | 96,92 | 02      | 3,08  | -         | -     |
| VNP + QUE            | 26    | 26            | 100   | -       | -     | -         | -     |
| VP + QUE             | 03    | 01            | 33,33 | 02      | 66,67 | -         | -     |
| ORAÇÃO PREDICATIVA   | 01    | -             | -     | -       | -     | 01        | 100   |
| - 1997 -             |       |               |       |         |       |           |       |
| RELATIVAS            | 31    | 31            | 100   | -       | -     | -         | -     |
| VNP + QUE            | 11    | 08            | 72,73 | -       | -     | 03        | 27,27 |
| COMPLETIVAS NOMINAIS | 04    | 04            | 100   | -       | -     | -         | -     |

Quanto ao inquérito 138, foram observadas as seguintes estruturas com **QUE/DE QUE** em 1975:

**1. QUE+ oração relativa:**

Dentre as 25 ocorrências, 24 (96%) estavam conforme a norma padrão e uma apresentou *queísmo* (4%) com o verbo *falar* na sentença encaixada.

(24) "...é esse que eu já falei..." (l. 246)

**2. Verbo não pronominal + QUE:**

Todas as nove ocorrências estavam conforme o padrão linguístico e tinham os verbos *esperar*, *achar*, *dizer*, *pensar* e *saber* na **OP**.

No inquérito gravado em **1995**, o mesmo informante apresentou as mesmas estruturas observadas em **1975**:

**1. Oração relativa + QUE**

Das 75 ocorrências, 74 (98,67%) encontravam-se segundo a norma linguística geral e apenas apresentou *queísmo* (1,33%):

(25) “Então a temperatura é mais ou menos ambiente, *que eles devem ter as especificações, não é?*” (l. 258/9)

## 2. Verbo não pronominal + QUE:

Seis ocorrências foram observadas, todas de acordo com o padrão lingüístico, com os verbos *parecer, achar, querer, dizer e acontecer* na **OP**.

As estruturas e ocorrências observadas no inquérito 138, nas duas versões, estão resumidas no quadro II:

**QUADRO II**  
**INQUÉRITO 138**  
**- 1975 -**

| ESTRUTURAS | TOTAL | SEGUNDO NORMA | %     | QUEÍSMO | %    | DEQUEÍSMO | % |
|------------|-------|---------------|-------|---------|------|-----------|---|
| RELATIVAS  | 25    | 24            | 96    | 01      | 4    | -         | - |
| VNP + QUE  | 09    | 09            | 100   | -       | -    | -         | - |
| - 1995 -   |       |               |       |         |      |           |   |
| RELATIVAS  | 75    | 74            | 98,67 | 01      | 1,33 | -         | - |
| VNP + QUE  | 06    | 06            | 100   | -       | -    | -         | - |

## CONCLUSÕES

Observando-se os dados referentes ao inquérito 277, resumidos no quadro I, nota-se que em 1977 houve uma única ocorrência de *dequeísmo* em estrutura com **QUE** + oração subordinada predicativa, com o verbo *precisar* na **OP**, enquanto em 1997 aparecem três registros de *dequeísmo* tendo na **OP** os verbos *sentir e dizer*. Em 1977 quatro *queísmos* foram documentados: dois em orações relativas - um com o verbo *falar* e outro com o verbo *lembrar-se* na oração encaixada e dois em estruturas com verbo não pronominal + **QUE**, ambos com o verbo

*lembrar-se* - enquanto em 1997 não se documentou nenhuma ocorrência *queísta*.

No quadro II, referente ao inquérito 138, observa-se um caso de *queísmo* com o verbo *falar* em oração relativa, em 1975 e um caso com QUE pronome relativo substituindo um sintagma preposicional em função de adjunto adnominal.

Quanto ao *queísmo*, não se pôde observar um recrudescimento na competição entre as variantes, pelo menos no registro e no extrato social observados.

Quanto ao *dequeísmo*, ocorrido com o falante do inquérito 277, pode-se concluir que o falante tinha um potencial *dequeísta*, que se desenvolveu, pois apresentou apenas um *dequeísmo* em 1977, contra três em 1997, estes com os verbos *dizer e sentir* na OP. O verbo *dizer* não ocorreu em 1977, mas *sentir* não havia sido afetado pelo *dequeísmo* nesta época.

O verbo *dizer* encontra-se dentre “os itens lexicais mais atingidos pelo *dequeísmo* na pesquisa de Mollica (1989:270), enquanto o verbo *sentir* não foi aí incluído. Entretanto, esses mesmos verbos são apontados tanto por Rabanales (1974) como por Bentivoglio (1976,1981), como fazendo parte dos casos mais generalizados de *dequeísmo* no espanhol do Chile e da Venezuela.

No caso deste trabalho, que faz parte de uma pesquisa ainda em fase preliminar, não se dispõe de dados que possibilitem confirmar ou rejeitar esta tendência no português falado culto em Salvador-BA.

#### Referências Bibliográficas

- BENTIVOGLIO, Paola. **Queísmo y Dequeísmo en el habla culta de Caracas**. In: AID, F. & RESNICK, M.C. (orgs.). 1975 Colloquium on Hispanic Linguistics. Washington: Georgetown University Press, 1976, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. “El *dequeísmo* em Venezuela: ¿Un caso de *ultracorrección*? BOLETIM DE FILOSOFIA, EN HOMENAJE A A. RABANALES. Caracas: p. 705-719.
- LABOV, William. **Sociolinguistique**. Trad. Alain Kihm. Paris: Les Editions de Minuit, 1976.
- MOLLICA, M. Cecília de Magalhães. **Queísmo e Dequeísmo no português do Brasil**. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1989.

- \_\_\_\_\_. **(De) que falamos?**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro - UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- MOTA, J., ROLLEMBERG, V. (orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo**. Salvador: UFBA/IL, 1994.(V.1)
- \_\_\_\_\_. **O Projeto de Estudo da norma lingüística urbana culta no Brasil: Antecedentes e desenvolvimento em Salvador**. In: ESTUDOS; LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. Salvador: UFBA/IL, ago 1991, n.11, p. 9-22.
- RABANALES, Ambrósio. **Queísmo y Dequeísmo en el español de Chile**. In: ESTUDIOS FILOLÓGICOS Y LINGÜÍSTICOS. Caracas: Instituto Pedagógico, 1974, p. 413-44.